



---

## **Maria Rosa Sousa Pinheiro: uma (bela) mulher feita de tango, ousadia e enfermagem.**

Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca<sup>1</sup>

Hideko Takeuchi Forcella<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo narra nuances da vida da Enfermeira Maria Rosa de Sousa Pinheiro, formada em 1940, em Toronto, Canadá, para tornar-se membro do primeiro corpo docente da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Foi docente, vice-diretora e diretora, constituindo um dos principais pilares de sustentação ética, moral e profissional daquela instituição e de outras da enfermagem brasileira. Foi a primeira mulher do Conselho Universitário da USP. Dedicou a vida à profissão, às alunas e à escola. Além dos feitos profissionais biográficos, relatam-se aqui peculiaridades da sua vida pessoal, gostos e curiosidades, desvelados na nossa longa e rica convivência com ela, como estudantes, residentes e, depois, como docentes da EEUSP. Os que tiveram o privilégio de conhecê-la, jamais a esquecerão, como mulher, enfermeira e, principalmente, como mestra que cumpriu à risca sua missão de mostrar caminhos e desenvolver as potencialidades das suas discípulas.

**Descritores:** história da Enfermagem, biografia, escolas de enfermagem.

## **Maria Rosa Sousa Pinheiro: A (beautiful) woman made of tango, audaciousness and nursing.**

**Abstract:** This article reveals some life particularities of Maria Rosa de Sousa Pinheiro, who graduated to becoming a nurse in 1940 in Toronto, Canada, to integrate the School of Nursing at University of São Paulo's first faculty team. There, she worked hard as teacher, vice principal and principal. She was one of the ethical, moral and professional pillars of that school and other Brazilian nursing institutions. She was the first woman of the University Council of USP, who dedicated her life to the profession, the students and the school. In addition to biographical

---

<sup>1</sup> Professora Titular do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> Professora Doutora do Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. *In memoriam*.

professional achievements, we reported peculiarities of her personal life, tastes and curiosities, which reflected in our long and rich life with her, as students, residents, and as teachers at that school. Those who were privileged to know her will never forget the woman, nurse, and especially the teacher who strictly fulfilled her mission to show paths and develop the potential of the disciples.

**Descriptors:** nursing history, biography, nursing schools

### **Maria Rosa Sousa Pinheiro: una (bella) mujer hecha de tango, osadía y enfermería.**

**Resumen:** El artículo relata matices de la vida de la Enfermera Maria Rosa de Sousa Pinheiro, graduada en 1940 en Toronto, Canadá, una de las primeras profesoras de la Escuela de Enfermería de la Universidad de São Paulo. Más allá de maestra, vice-directora y directora, fue uno de los principales pilares ético, moral y profesional de la institución y de otras de la Enfermería brasileña. Fue la primera mujer en el Consejo Universitario de la USP. Dedicó su vida a la profesión, a las estudiantes y a la escuela. Se añaden aquí, a sus logros profesionales, peculiaridades personales, gustos y curiosidades, que conocemos en nuestra vida larga y rica con ella, como estudiantes residentes, y luego como maestras de la EEUSP. Los que tuvieron el privilegio de conocerla, nunca la olvidaremos, como mujer, enfermera y maestra que ha cumplido la misión de mostrar caminos y desarrollar el potencial de sus alumnas.

**Descritores:** historia de la enfermería, biografía, escuelas de enfermería.

### **Um passeio pela vida pessoal e profissional**

Nasceu na cidade de Araraquara, no Interior do Estado de São Paulo, em 14 de dezembro de 1908. Segundo a numerologia, a expressão dos seus sentimentos humanitários deveria se concretizar por feitos próprios voltados não só para si, mas principalmente para os outros. Em outras palavras, para ser ela mesma, para atingir o auge da sua expressão pessoal (numerológica), deveria se doar ao mundo. Sua maior qualidade seria ser altruísta. Por outro lado, esse desejo intenso de ajudar lhe causaria também sofrimento, a despeito do bom humor e da alegria que seriam duas das suas principais marcas relacionais. Seu mapa astral a revela sagitariana.

O Sol em Sagitário em conjunção com Mercúrio enfatiza o que seria sua extrema habilidade comunicacional. Por espiritualidade e curiosidade coletaria saberes que seriam transmitidos

inevitavelmente. É como se seu destino fosse acumular saberes para transmiti-los com uma repercussão revolucionária. Estaria fadada a saber para fazer, revolucionando a si mesma e aos outros. Outra característica marcante do seu mapa astral é a determinação: tudo o que faria, seria feito com garra e impulsionada por um desejo de ação, de transformação. Seria muito forte, teria dentro de si uma guerreira, ao mesmo tempo amorosa, meiga, doce e extremamente justa. Ainda, a Lua em Virgem em conjunção com Júpiter (o planeta sagitariano) mostra uma imensa competência técnica, cujos inúmeros saberes fluiriam com uma minuciosidade sutil e delicada, expressados com muito amor e maestria. Sabedoria, delicadeza, altruísmo, garra e perfeccionismo fariam dela uma enfermeira *sui generis*. Estava escrito nas estrelas...<sup>(1)</sup>

Ainda menina, veio morar em São Paulo. Diplomou-se pela Escola Normal da Praça da República, mais tarde Escola Normal Caetano de Campos. Em 1930, fez o Curso de Educadora Sanitária no Instituto de Higiene, hoje Faculdade de Saúde Pública da USP. Em 1937, graduou-se Bacharel em Letras Estrangeiras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

Em 1940 foi para Toronto, no Canadá, com bolsa de estudos da Fundação Rockefeller, para fazer o Curso de Enfermagem Geral e de Saúde Pública. Faria também estágios e visitas a outras escolas e serviços especiais, preparando-se para compor o corpo docente e quem sabe, dirigir esta Escola. Foi escolhida porque reunia todos os quesitos necessários ao empreendimento. Além de ter nível superior, apresentava traços de personalidade e caráter que atendiam ao esperado de uma enfermeira. Era sensível, inteligente, observadora, discreta, elegante, na justa medida de uma digna descendente de Florence Nightingale.

Voltou para o Brasil em 1944 e logo assumiu a Vice-Diretoria da EEUSP, que à época encontrava-se sob a direção de D. Edith de Magalhães Fraenkel. Passou a Diretora em 1955, após a aposentadoria de D. Edith. À época, encontrava-se afastada da EE, trabalhando no Serviço Especial de Saúde Pública, no Rio de Janeiro e retornou a pedido das docentes da casa para dirigi-la. Passaria 23 anos no cargo, com uma gestão marcada por inúmeras inovações e conquistas, tanto no ensino como na constituição da enfermagem como profissão.

Ampliou o prédio, introduziu o exame de seleção das candidatas ao curso (precursor do vestibular) e um programa de orientação às alunas recém-admitidas; conseguiu a contratação de professoras na proporção de uma para cada grupo de 10 alunas; introduziu o sistema de avaliação do curso pelas próprias estudantes ao término de cada disciplina, como maneira de provocar a sua participação no planejamento curricular.

Depois de muito batalhar, finalmente, em 1958, testemunhou a criação oficial do Curso Superior de Enfermagem, sendo obrigatório para matrícula o certificado de conclusão do curso

secundário. Era a entrada da Enfermagem no Olympo Universitário, depois de um longo período de luta para que se constituísse como profissão de nível superior. No ano seguinte, em 1959, instalou os dois primeiros cursos de pós-graduação daquela Escola, destinados ao preparo de docentes e de administradoras de unidades de enfermagem.

Foi membro da Comissão de Peritos em Enfermagem, colaborou com entidades governamentais nos Ministérios da Educação e da Saúde e com o Governo do Estado de São Paulo, presidindo ou participando de Comissões destinadas ao estudo dos problemas relacionados ao ensino e ao exercício da profissão no País.

Teve atuação marcante nas atividades das entidades de classe, exercendo liderança nos movimentos reivindicatórios, especialmente nas áreas de educação e de legislação específica. Foi presidente da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), editora e diretora responsável da Revista Brasileira de Enfermagem. Em 1958, durante sua gestão, criou o distintivo que até os dias atuais é utilizado nos documentos oficiais da Associação.

Lutou incessantemente pela criação do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) em 12 de julho de 1973, através da Lei 5.905, tendo sido sua primeira presidente. Teve papel preponderante também na implantação dos Conselhos Regionais de Enfermagem.

Em 1965, a Câmara Municipal de Araraquara outorgou-lhe o título de "Cidadã Benemerita". Em 1968, a ABEn concedeu-lhe o título de Sócia Honorária pelos relevantes serviços prestados à Associação. Em 1969, a Associação de Ex-alunas da Divisão de Enfermagem do Teachers College da Columbia University de New York concedeu-lhe o Prêmio de Realização no Campo da Educação. No mesmo ano, recebeu o título de "Enfermeira do Ano" da ABEn e foi eleita "Enfermeira Paulista", recebendo o prêmio instituído pelo Governo do Estado.

As estrelas estavam certas. Dona Maria Rosa foi considerada "Notório Saber em Enfermagem", significando que seu saber independia de concursos ou títulos. É até hoje a única enfermeira possuidora deste título no Brasil. Aposentou-se em 1978, aos 70 anos, após 23 anos de uma memorável trajetória como docente e dirigente da Escola de Enfermagem da USP.

### **De diretora a conselheira, amiga e cuidadora**

Durante o tempo em que foi diretora da EEUSP, MR, como a chamavam as alunas, morava no apartamento instalado no andar térreo daquele prédio. Com habilidade, firmeza e sabedoria, comandava a moradia, zelando incansavelmente pela ordem física e moral daquilo que chamava

de *uma escola de moças*. Os poucos estudantes do sexo masculino residiam no subsolo e eram absolutamente inexpressivos numericamente.

Aderente aos moldes das Escolas Nightingaleanas, tudo era controlado, desde os horários de entrada e saída das estudantes até a ordem geral da casa, que era responsabilidade de uma mordoma. O cardápio, o ambiente do refeitório e das demais dependências, a lavagem dos uniformes, as condições da roupa de cama e banho, tudo era cuidadosamente feito por pessoal especializado e supervisionado diretamente pela Diretora. Atenção especial era dada à touca (o símbolo da enfermagem) que era passada e engomada uma vez por semana. A ordem era mantida às custas de um regulamento bastante rígido. Até mesmo os momentos de lazer das alunas na sala de estar ou no *roof* (área de lazer instalada no quarto andar) e as atividades do Centro Acadêmico aconteciam igualmente sob seu olhar atento, embora tivéssemos todo o apoio, em especial, para as comemorações. Eram famosas as festas, os bailes e outras atividades (em geral, festivas e culturais, políticas nunca, ela fazia questão de frisar, embora depois soubéssemos que não era bem assim).

Da mesma maneira e apesar da rigidez, podia-se contar com ela para a solução de problemas da vida pessoal, de saúde ou familiares, até as brigas com noivos ou namorados. Dotada de uma moral rígida e solidamente ancorada nos valores vigentes da época, inclusive em relação à mulher, nem por isso, deixava de atender nossas necessidades de afeto ou escuta. Não raro, inclusive, convidava alunas para um teatro ou para jantar com ela e Dona Helena, a fiel amiga e secretária. Isso, em geral, ocorria quando constatava que tínhamos permanecido sozinhas na EE durante o final de semana. Nestes momentos de descontração, contava piadas, histórias, casos e ria muito, até das próprias amigas ou dos foras dados por alguns trabalhadores da casa, peritos nisso. Adorava falar da própria Dona Helena, do Sr. João, do Sr. Ulysses e de outros... até da nobreza universitária. E a gente, adorava, a auto-estima batia no teto. Afinal, era uma saída com a diretora e não era todo dia que acontecia coisa semelhante! Nesse contexto, merece destaque sua atuação em relação a nós, estudantes e militantes do movimento estudantil, durante o período da ditadura militar. Embora não concordasse com os métodos revolucionários adotados, sempre nos protegeu e guardou, enfrentando a repressão com a principal arma que possuía - o poder dado pela investidura do cargo que ocupava. Em 1969, por exemplo, várias unidades da USP e de outras universidades foram invadidas pela Polícia Militar à procura de lideranças do movimento estudantil. Isto, em geral, ocorria na calada da noite ou nos finais de semana. Na noite em que a nossa Escola seria invadida, um dia de semana, por volta das 22 horas mais ou menos, ao ser avisada pelo porteiro de que a cavalaria descia a rampa, a Diretora postou-

se à porta e, estendendo os braços, barrou veementemente a entrada dos soldados. Dirigindo-se duramente aos oficiais, disse que aqui ninguém entraria, por nada deste mundo. Afinal, era “uma escola de moças”, sob sua responsabilidade. Além disso, ela podia garantir que aqui não se escondiam pessoas procuradas pela polícia, muito menos “estudantes baderneiros”. Eles foram embora sem nada fazer... e nós, escondidas no vão da escada, vibramos. A praxe era os dirigentes entregarem os “baderneiros”...

Mal sabíamos que segundos depois da saída da polícia, várias de nós seríamos mais uma vez duramente repreendidas por ela por participarmos de passeatas, comícios e outras manifestações, fatos estes que, segundo ela, haviam provocado a batida policial. A coisa não parou por aí. Para despistar a ação do DOPS, órgão governamental responsável pela caça aos *subversivos*, imediatamente providenciou a nossa participação na cerimônia de queima das bandeiras (as bandeiras oficiais velhas eram queimadas solenemente no Quartel do II Exército para depois serem substituídas por novas). No ato, além dela e de várias docentes, compareceram (para conduzir as bandeiras à pira ardente) três alunas, entre as quais, uma sabidamente pertencente à liderança estudantil.

Outro fato que mostra que sabia das nossas atividades e não nos entregaria jamais era o apoio que dava ao Coralusp, na pessoa do maestro, que também, como ela, apoiava os estudantes que necessitavam fugir do país, inclusive com ajuda financeira. Entre ela e o maestro, pairava o silêncio e o respeito mútuo. Para nós, alunas, esses fatos não existiam. Só saberíamos deles muito mais tarde, muito depois da queda do regime militar.

### **Uma mulher entre homens, num mundo tipicamente masculino: atuação no Conselho Universitário da USP**

Ata da 545ª Sessão do Conselho Universitário da Universidade de São Paulo: “Aos três dias do mês de fevereiro de mil novecentos e sessenta e quatro, às 14 horas, reuniu-se o Conselho Universitário, em sessão ordinária, na Reitoria da Universidade de São Paulo, na Cidade Universitária ‘Armando de Salles Oliveira’, sob a presidência do Magnífico Reitor Luis Antonio da Gama e Silva (...). Expediente: *O Reitor congratula-se com a presença de D. Maria Rosa Sousa Pinheiro, Diretora da Escola de Enfermagem de São Paulo, que toma assento no Conselho pela primeira vez, em razão da transformação da Escola em Estabelecimento de Ensino Superior, dizendo esperar a melhor colaboração. A Conselheira Maria Rosa Sousa Pinheiro agradece e promete colaboração....*”<sup>(2)</sup>

Depois deste dia memorável, Dona Maria Rosa participou intensa e constantemente das reuniões do Conselho Universitário. Era a única mulher entre 30 conselheiros homens. Manteve-se assim até que a Profa. Dra. Gleite de Alcântara, Diretora da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, também passasse a compor o CO. Marcou presença e fez solicitações, a despeito da atitude marcadamente androcêntrica da mesa e do plenário. A aparente consideração para com elas nem sempre redundava em igualdade de oportunidades em relação aos homens. A praxe era conceder-lhes a palavra somente ao final da reunião ou mesmo na reunião seguinte. Isto ela nos contava sem fazer alarido, ressaltando que o que lhe garantia a participação era mais a insistência que o poder, visivelmente diferente dos homens.

Sua última participação naquele Conselho foi em 19 de setembro de 1978. As características peculiares da sua estada encontraram eco nas palavras do Professor Carlos da Silva Lacaz: *"Tive o raro privilégio de conhecer a Professora Maria Rosa Sousa Pinheiro quando Professor de Microbiologia e Imunologia da Escola de Enfermagem, vinculada à Faculdade de Medicina, nos primórdios de sua fundação, em 1942. (...) Quando Diretor da Faculdade de Medicina da USP (1974-1978), nas sessões do Conselho Universitário, verifiquei, então, como sabia defender suas opiniões, sempre com elevada objetividade. Mulher extraordinária, convencia seus raros opositores, graças à sua inteligência privilegiada, balizada com argumentação sempre válida, visando a defesa de seus ideais. A Escola de Enfermagem muito deve ao seu fabuloso trabalho"*.<sup>(3)</sup>

### **Amigos, hábitos e paixões**

Por ocasião de seu 80º aniversário, um livro condensou depoimentos de inúmeras pessoas que a conheceram e que a identificaram como possuidora de uma personalidade marcante e significativa, tanto para a EEUSP como para a Enfermagem Brasileira. Nos bastidores, uma mulher interessantíssima.

*Mestre, orientadora, amiga* de todas as horas, inúmeros foram os adjetivos empregados pelos amigos a seu respeito, tão comovidos quanto honestos. Alguns ressaltaram o lado autoritário, duro e disciplinador. Outros, a sua face sensível, solidária e generosa. A turma de 1963, por exemplo, recorda que discretamente ela pagou a viagem de uma aluna que não tinha condições de vir da cidade natal a São Paulo para a formatura. Outra vez, sem se identificar, enviou uma vultosa soma de dinheiro para uma ex-aluna comprar uma casa para abrir uma escola nos confins de Sergipe. Só muito mais tarde, a própria aluna conseguiria saber de onde tinham vindo os recursos.

Assim como colecionava amigos e admiradores, colecionava paixões. A perfeição com que dançava tango e a delicadeza com que sorvia um bom vinho ou se entregava ao prazer do cigarrinho às escondidas convivia com a intransigência disciplinar e a radical fidelidade aos amigos, às alunas e à profissão. Com traços como estes, ela conseguia ser, como ninguém, ao mesmo tempo, durona e carinhosa, rígida e alegre, forte e sensível, exigente e solidária, realista e sonhadora. E, principalmente, bem-humorada. No momento do brinde, suas palavras preferidas ao tilintar dos copos eram: *“Às nossas qualidades que não são poucas e aos nossos defeitos que não são tantos. Estes, bem mais interessantes que aquelas”*.

Adorava viajar. Excetuando-se as viagens de estudo e trabalho deu duas voltas ao mundo. Numa delas, do Japão, mandou um postal bem humorado às docentes da EE: *Aqui todo mundo fala japonês perfeitamente. Até as crianças bem pequenininhas. É incrível pensar que aí no Brasil tem muita gente que mesmo adulta, não consegue!*

Gostava de um bom livro. Lia diretamente em inglês ou francês, dispensando as traduções que em geral considerava mal feitas. Por falar em português, a vida toda corrigiu os trabalhos enviados para publicação na Revista da EEEUSP (EEUSP). Quando perdeu a visão por catarata, fazia com que os textos fossem lidos em voz alta por alguma docente e os corrigia com a mesma competência de antes.

Gostava também de uma conversa sempre regada com um bom vinho, um licor ou um gostoso *capuccino* que ela mesma preparava e depois dava a receita. Servia o café com elegância, acompanhado de uma guloseima, geralmente uma deliciosa torta de *apricot* saborizada com um dos seus interessantíssimos relatos de viagem apimentados com pitadas de marotice.

Nos longos anos após a aposentadoria, recebia as pessoas no seu apartamento, situado no movimentado Bairro de Higienópolis. Amplo, de paredes claras e belos quadros, a casa espelhava a dona em matéria de bom gosto aliado à simplicidade.

### **Considerações finais**

Por mais que tenha sido uma pessoa marcante na vida profissional e que tenha tido uma situação financeira privilegiada (já de origem), nunca laureou a própria cabeça com as glórias recebidas. Considerava-as dispensáveis, passageiras, totalmente aleatórias. Ao contrário, manteve-se herdeira e reproduziu os valores paternos de bondade, honestidade, hospitalidade e simplicidade. Na enfermagem, encontrou estofo para o que recebeu em casa. Quem a encontrasse fora de seu ambiente de trabalho, não conseguia avaliar a sua magnificência. Só no convívio mais demorado é que se percebia toda a sua sabedoria, cultura e grandeza de espírito.



Viveu uma vida simples e morreu em 21 de junho de 2002, aos 93 anos, de maneira mais simples ainda. Contudo, apesar disso, sua grandeza permanecerá para sempre indelével na memória dos que tiveram a felicidade de conhecê-la e com ela conviver.

Para eternizá-la no solo da Escola que tanto amou, foi plantada uma árvore em sua homenagem. Na placa encontram-se os seguintes dizeres:

*"Sentei-me ao lado de uma árvore e, conversando comigo mesmo, pude então entender muitas coisas, principalmente sobre a árvore."* Herbógenes de Éfeso. Da natureza que há em mim, séc. VI a.C.

Homenagem a *Dona Maria Rosa Sousa Pinheiro* pela direção da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, de 1955 a 1978, 23 anos marcados por tenacidade, dedicação, competência administrativa, respeito, firmeza, responsabilidade e, sobretudo, compreensão.

### **Referências**

- 1- Mapa astral e previsões elaboradas pela astróloga e numeróloga Renata Godoy Serpa da Fonseca, a pedido, outubro 2005.
- 2- Universidade de São Paulo. Ata da 545ª Sessão do Conselho Universitário da Universidade de São Paulo. São Paulo, 03 de fevereiro de 1964.
- 3- Lacaz CS. Depoimento do Prof. Carlos da Silva Lacaz sobre a Professora Maria Rosa Sousa Pinheiro. In: Secaf V. (org) Maria Rosa Sousa Pinheiro: personalidade marcante. São Paulo: 1988.

### **Fontes de consulta**

- 1- Oguisso T. Maria Rosa Sousa Pinheiro: a grande líder da enfermagem. In: Rev Bras Enferm Brasília 2003 56(1):76-78. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672003000100016&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672003000100016&script=sci_arttext)
- 2- \_\_\_\_\_. Tributo à grande líder Maria Rosa Sousa Pinheiro. In: Rev Paul Enferm São Paulo 2001 21(2):113-4.
- 3- Secaf V. (org) Maria Rosa Sousa Pinheiro: personalidade marcante. São Paulo: 1988.
- 4- \_\_\_\_\_. Maria Rosa Sousa Pinheiro: personalidade marcante. In: Rev Esc Enferm USP São Paulo 1988 22(3):255.
- 5- Entrevista à Revista Enfoque São Paulo 1988 6(4):99-100
- 6- Entrevista à Rev Paul Enferm São Paulo 1981 1(1):33

**Outras fontes**

- 1- Depoimentos pessoais de alunas e docentes da EEUSP, entre eles das próprias autoras.
- 2- Lembranças, doces lembranças daquele tempo...